

Sección Ensayos y Revisión

Nietzsche e as raízes animais do humano e sua conexão com o sobre-humano

Nietzsche and the animal roots of the human and its connection with the about human

Emilio Romero
Joinville, Brasil

Resumo

Alguns antecedentes para situar a proposta de fundo

Minha proposta é oferecer uma visita a um livro da professora Vanessa Lemm, especialista em filosofia contemporânea, em especial no pensamento de Nietzsche. Num texto bem documentado ela expõe a importância da animalidade como a natureza mais própria do homem e sua necessária reabilitação e reintegração como passo preliminar para alcançar uma nova etapa evolutiva que o pensador alemão denominou como o sobre-humano –vulgarmente divulgado como o advento do super-homem, que nada tem a ver com a ideia holywoodense. Trata-se só de uma visita a algumas ideias analisadas por Lemm.

Palavras chave

Nietzsche, animais, humano, sobre-humano

Abstract

Some antecedents to situate the fund proposal
My proposal is to offer a visit to a book by professor Vanessa Lemm, a specialist in contemporary philosophy, especially in Nietzsche's thought. No text has documented the exposure to the importance of animality as the nature of the home and its necessary rehabilitation and reintegration as a preliminary step to reach a new evolutionary stage that the German thinker called the superhuman –vulgarly disclosed as the advent of the super -homem, that I fear nothing to see with the holywoodense idea. It is only about a visit to some ideas analyzed by Lemm.

Keywords

Nietzsche, animals, human, superhuman

Farei preliminarmente breves considerações para destacar alguns temas com os quais o filósofo tem revolucionado o pensamento contemporâneo ao caracterizar nossa época quase um século antes de que acontecesse, tal como este se desenha a partir dos anos 80: o fim da experiência soviética, o fim da Great american society (1), a globalização, o auge da cibernética e da computação, a robotização humana, o surgimento da China, etc.

O autor de *Assim falou Zaratustra* há imposto uma variedade considerável de temas vertebrais próprios da condição humana. Algumas de suas teses até circulam nas vias mediáticas. Entre o que se interessam pelas questões centrais do mundo atual não ignoram suas teses mais contundentes, todas elas originais e surpreendentes. Não preciso dizer que as maiores figuras do pensamento contemporâneo mostram sua influência. Admito que a originalidade de seu pensamento e o fundo poético de sua prosa nos levam a dar nossa adesão a suas ideias, mesmo se elas provocam notório conflito em nossa representação do mundo.

Antes de entrar na interessante e bem documentada proposta da autora farei alguns alcances sobre as teses mais revolucionárias do pensador alemão.

O homem é só uma ponte entre o símio e o sobre-humano, o que está para além da condição que hoje predomina. É um macaco decadente, que perdeu seus instintos básicos, salvo seus gestos imitativos. É um animal acuado por um longo processo civilizatório que o domesticou mediante normas repressivas. O sobre-humano vá recuperar esses instintos básicos da animalidade numa nova conquista de sua vontade de afirmação de si. O homem é uma superação permanente. La tese de um necessário resgate da animalidade soa mal nos ouvidos da pessoa comum; como é isso de recuperar o lado animal, por acaso essa gente que não sabe controlar seus maus instintos não é qualificados com razão de animais? Esta bem que eu goste de meu cachorro o de meu gato, mas de aí a querer recuperar um fundo animal com algo bom é visto como absurdo. A gente comum ainda dirá: O homem é um ente racional, o animal age por instinto, não tem consciência de si. Ademais, como ensina a tradição, somos seres espirituais, temos uma moral que nos indica o bem e o mal. Será mesmo assim? Em seguida veremos o lado positivo da animalidade.

É preciso então examinar o que implica a tese de Nietzsche sobre a importância da animalidade do humano. É uma das propostas do livro de Lemm.

A segunda tese que já está enunciada no Zaratustra como “*a morte de Deus*”. Esta tese é a que provoca mais reações de alarma, sobretudo nos setores crentes, que vêem em Deus o maior amparo para os

que sofrem e para a indignação humana generalizada. Aliás, a religião como instituição é um dos poderes fortes no sistema social: ela coloniza um grande território no espaço social. O que quis afirmar este pensador com a morte de Deus? Não há unanimidade entre os comentaristas. É certo que já desapareceram numerosos deuses na história de Ocidente; com a imposição do monoteísmo esta morte é mais grave; implica o fim do império de um Deus, embora não necessariamente das religiões, que são instituições que invocam um ou mais deuses, mas que bem podem colocar sua figura num segundo plano (os católicos invocam a ajuda dos santos mais que proteção de Cristo). A melhor interpretação me parece que se refere à perda do lugar que ocupava a idéia de Deus na geração dos poderes oficiais: hoje não existem Estados em Ocidente que exijam das autoridades uma confissão religiosa. Desde o começo do séc. XX Religião e Estado estão separados. O *nihilismo* caracterizado pela descrença nos chamados grandes valores tende a impor-se no séc. XX e XXI; Nietzsche nega que a *verdade e o bem* tenham um sustento em si, são apenas conceitos-crenças com vigência limitada e subordinada à composição de forças que tende a impor-se nos diversos setores do social. São valores de passagem transitória. A ciência como suposta depositária do saber e da verdade só provoca algumas ironias em Nietzsche.

A terceira tese é menos comentada: a *degradação do ser humano na história de Ocidente*. Este fenômeno começa com o fim do espírito dionisíaco próprio da cultura grega; é uma degradação lenta; inicia-se com Sócrates que introduz o predomínio do racionalismo e continua com o idealismo platônico; impõe-se a *sofrosine* como o ideal de medida e de medida no comportamento. Platão introduz a tese metafísica que as realidades cotidianas e concretas são meras representações fugazes, o que importa são os arquétipos ideais das coisas, que são eternos e invariáveis. Estes arquétipos ideais estão no céu dos conceitos, no mais além da experiência comum. Com este suposto Platão coloca o Bem e os grandes valores no além, não na vida corriqueira dos mortais: deste modo prepara o advento do cristianismo que ensina que a terra é o lugar do mal, um vale de lágrimas, uma estadia de sofrimento só compensado se os bens dos céus são ganhos. O que propõe Nietzsche é justamente uma inversão desta perversão proposta pelo platonismo e o judeu-cristianismo.

Certamente não podemos colocar unicamente nas contas do platonismo a preparação para que o cristianismo aproveitasse um terreno abonado. Penso que as escolas filosóficas posteriores têm uma conexão ainda mais propícia para facilitar a aceitação do cristianismo. Todas as escolas helenísticas preparam a chegada do cristianismo, isto é, criam um *clima* propício. Veja: O cinismo, com sua ênfase no despojamento de tudo e sua abertura para o animal (cinis= cachorro), seu menosprezo por qualquer distinção, lembre-se Diógenes Laércio. O ceticismo com sua rejeição de todo dogmatismo, sua dúvida diante qualquer enunciado com pretensões de verdade. Lembremos os tropos de *Enesidemo*, um dos

quais questiona inclusive todo empirismo, pois nunca uma experiência se repete. (2) O estoicismo que coloca o acento na educação para o bem viver para o bem morrer; a ética se torna o centro de todo projeto humano.

Todas estas correntes do pensamento entram na categoria de um vasto movimento cultural; até podemos entender suas propostas na esfera do que inclusive Nietzsche destaca como criação cultural em contraste com a ordem civilizatória.

Então por que motivo coloca Nietzsche nas costas de Platão a responsabilidade de preparar o caminho do judeu-cristianismo? Pela simples razão que Platão é um gigante do pensamento, fonte constante de todos os doutores e teólogos cristãos. O neoplatonismo inclusive já tinha recebido a acolhida dos poderes imperiais. Plotino era uma figura semi-oficial já no séc. III de nossa era. Como Platão afirma que toda realidade verdadeira é absolutamente ideal, só uma idéia, nada factual, nada material. Certamente o cristianismo dará um passo mais enfrente: se abre a certa idéia de desenvolvimento: implica uma abertura para o câmbio, ausente no neoplatonismo.

Como se pode apreciar nosso pensador mostra o ocaso dos grandes ídolos vigente até o séc. XIX no Ocidente. Tanto as idéias socialistas já presentes na época de Nietzsche como a filosofia positivista de Comte predominante no séc. XIX e parte do XX são repudiadas por este pensador como pretensões sem fundamentos. A primeira é contrária a desigualdade natural dos humanos; a segunda acredita em dois mitos ingênuos a “do imaculado conhecimento da ciência” e no progresso do saber e da ordem social “ordem e progresso” era seu lema. O autor de Zaratustra nunca leu uma página de Marx, e se o houvesse lido o julgaria outro filho bastardo do judeu-cristianismo.

Uma quarta tese não pode ser ignorada; refiro-me a seu método de apreender os fenômenos históricos em termos de sua *genealogia*. Este método consiste em rastrear um fenômeno sócio-histórico em termos que permita captar sua origem e o processo de mudança que experimenta ao longo do tempo. Foi o que ele fez em especial em relação às idéias morais que se impõem em nossa civilização; o bem e o mal, centrais no plano da moral convencional, já tiveram um sentido muito diferente em épocas passadas. Foucault aplicou este método em seus estudos sobre diversas instituições, em especial no caso dos manicômios e das prisões.

Então o que nos oferece este livro notável da prof. Lemm?

Talvez seja o texto melhor documentado sobre a reabilitação da animalidade como um dos fundamentos de uma antropologia nietzschiana. Vale anotar que este tema não tem tido a atenção devida por parte dos pesquisadores do pensador. A tarefa de Lemm é de tal magnitude que explora os âmbitos mais importantes onde está presente o fator animal do humano. Começa caracterizando dois conceitos centrais na história humana: a civilização e a cultura.

O filósofo destaca a civilização como um processo de repressão e de domesticação do homem feita

mediante as normas, as leis e as imposições morais, principalmente. Em contraste, a cultura se dá como um questionamento e renovação dos esquemas impostos pela civilização. A civilização é conservadora, limitadora, opressiva; a cultura e questionadora, libertária, criadora. Estamos acostumados a entender a civilização como os aspectos materiais próprios e peculiares de um povo, de uma época. Também é isso, mas inclui o normativo e a lei com uma exigência para impor uma ordem social. A cultura corresponde aos aspectos mais expressivos e dinâmicos e recolhe as forças propulsoras e em pugna sempre presente numa sociedade, mesmo nas mais conservadoras.

Há outros âmbitos examinados pelo filósofo. Lemm comenta (a) política y promessa, (promessa?); (b) cultura e economia; (c) animalidade, linguagem e verdade; (d) animalidade, criatividade e historicidade; (e) a bio-política e a questão da vida animal. Está claro que Lemm se propõe uma tarefa ambiciosa, que neste comentário só poderia dar meras menções de cortesia. Os colegas psicólogos, especialmente, podem entrar num aspecto pouco conhecido do maior filósofo presente em nossa época, sobretudo depois do transitório eclipse de Marx. O trabalho do psicólogo não pode limitar-se ao tratamento psicoterapêutico, ignorando os estratos do ente humano: o biológico, o psicológico, o ecômico-social, o existencial e o espiritual -este último entendido com o plano dos valores e das crenças que orientam toda atividade humana.

Vejamos as questões básicas.

Vejamos as bases *bio-cêntricas* do pensamento nietzschiano; é uma filosofia centrada na vida como o fenômeno básico e universal; é algo mais que a existência tal como tem sido teorizada pelos existencialistas. Neste sentido; toda sua obra se dá como um vitalismo afirmativo. Entendido este ponto, mostra-nos que esta idéia não é um derivado da proposta darwiniana, que se apresenta como o predomínio dos mais fortes e da seleção natural; Darwin vê o homem como um macaco evoluído que foi compelido a andar ereto e a usar os rudimentos da linguagem graças a um longo processo evolutivo de milhares de anos. A concepção nietzschiana é diferente da teoria darwiniana; diferente pelo menos em alguns pontos essenciais:

a) Embora reconheça a primazia do biológico e do animal no homem postula a presença do *espírito* em toda a matéria viva: a vida mesma é espírito. O que seja o espiritual na materialidade orgânica é um assunto que no fica bastante claro no texto de Lemm; de todos os modos o podemos entender como o movimento em perpetuo *devir e mutação*, assim como de organização direcionada que se observa no orgânico e no organismo entendido como um todo. De nenhum modo se entende o espiritual segundo o sentido comum como um fluído independente do orgânico, da corporeidade, que é o modo de entendimento no plano religioso. Penso que este fator se origina da tese nietzschiana de que o elemento fundamental é a vontade de potência existente como característica humana; é pertinente lembrar que esta

tese já está presente na filosofia de Schopenhauer, quem afirma que esta vontade esta presente em toda a natureza. Certamente esta vontade de poder tem outras características no pensamento do autor de Zaratustra.

b) A animalidade apresenta traços distintivos que inclusive outorgam uma relativa superioridade do animal sobre o homem. Primeiro o animal vive no presente, o que lhe permite um contato direto com a natureza ambiente e com a sua própria. Esta presentificação implica o esquecimento do acontecer o que lhe permite escapar da temporalização que é o traço distintivo do humano uma vez que se integra com o devir histórico. Sobre a relação entre memória e esquecimento a autora destaca alguns aspectos que permitem apreender os pros e contras de um e de outro.

c) Nietzsche, escreve Lemm, afirma a continuidade entre o animal o humano e o sobre humano. "A vida humana não pode dar-se unicamente sobre a base de sua própria força senão que depende completamente de sua relação com outras formas de vida; esta idéia rompe com a tradição ocidental que considera o ser humano como o cume da evolução" (pág 18).

A civilização implica um afastamento da animalidade com tudo o que ela tem de positivo -a energia instintiva, a espontaneidade, a liberação da temporalidade, o esquecimento d passado como imposição de uma identidade. A animalidade implica também o descaso do futuro como uma procura compensatória de possíveis realizações.

O antagonismo entre cultura e civilização.

Este é um dos capítulos decisivos para a compreensão do pensamento nietzschiano no tema em pauta. Há um antagonismo entre cultura e civilização. A civilização impões a norma, mesmo mantendo as diferenças entre os grupos segundo seja seu poder material e social tende a nivelá-los para baixo; tende a *domesticar* para assim estabelecer uma ordem conveniente para o grupo mais forte e para o chamado "bem comum". Estabelece toda uma tradição que legitima os costumes e a moral. A tradição exige o concurso da memória; o memorável lembra os momentos e fatos que confirmam os bens adotados como reitores do grupo ou nação.

Em contraposição, escreve nossa autora, "a missão da cultura é essencialmente crítica; sua função é mostrar que a racionalização y la moralização são técnicas de dominação dirigidas contra a animalidade do ser humano; em sua função crítica a cultura revela que "os avanços" da civilização são "falsas superações". A segunda função da cultura é a liberação; seu papel é impor-se frente ao domínio da civilização. O desafio da cultura é suscitar formas de vida que não se convertam em formas de poder sobre a vida. Sugiro que a cultura recupera esta plenitude de vida nos sonhos, ilusões e paixões do animal".

Entendo esta última frase no sentido que estes três motivadores da vida humana implicam não só uma escapada da ordem civilizatória, mas sobretudo uma recuperação das fontes mais ativas da vida já presentes em nossa natureza; as paixões mais a entrega aos afetos e impulsos que nos mobilizam, nos

estimulam a criar novas possibilidades; são também as fontes motoras do dionisiaco, a entrega ao instintivo, ao momento. Esta entrega ao momento é justamente uma característica do animal.

Este pensador destaca que é próprio do animal viver só no presente, o que o libera das imposições da memória e das imposições que impõem as identificações inerentes a uma história pessoal e social. Vive no esquecimento. Eu diria que é o que acontece ainda nos chamados povos primitivos, que ignoram o calendário, os números, a escrita. Vivem no presente; só existe uma memória mítica do que “aconteceu naquele tempo”, algo indeterminado. São seres coletivos, possuem algumas regras de conduta e se expressam na dança e nos ritos, que são as formas de sua vitalidade. O presentismo e o espontaneísmo muda assim que se entra num processo civilizatório tal como é entendido especialmente no Ocidente, e também em Oriente.

Numa sociedade complexa estas duas características ainda vigentes em sociedades simples são impossíveis, contrárias ao complicado sistema administrativo e a magnitude dos negócios que se impõem neste tipo de conglomerados humanos. São civilizações regidas por uma burocracia e por normas que intentam controlar cada mais a conduta de seus governados. Com os avanços da tecnologia computacional hoje é possível controlar todos os aspectos de uma pessoa ou grupo. Tem-se estabelecido um programa de direcionamento da consciência coletiva nunca alcançado antes de nossa época. Existe uma ditadura silenciosa, dissimulada com todos os recursos da astúcia e do maquiavelismo. Neste tipo de sociedade pode existir certo esquecimento de si, mas jamais seria pertinente esquecer as obrigações do status e do serviço. Este esquecimento de si se chama precisamente *alienação*, tão bem analisado pelos marxistas. São escravos do sistema, mas sem perceber sua condição.

Sim, o homem livre pode também liberar-se do passado, viver no presente e projetar-se para o futuro, ou simplesmente viver. Sobretudo pode viver as fontes de sua de sua energia e de seus impulsos, sua libido, isso que anima a animalidade. Esta são as orientações do sobre-humano, a síntese entre o animal e o humano.

Há certa alternância no predomínio da civilização e da cultura; quando predomina a primeira se impõe a ordem e o império das normas, incluídas as morais, que servem para fortalecer a ordem. No predomínio de um período cultural a uma expansão da contestação em todos os planos, maior criatividade e uma exuberância da vida. Embora Nietzsche não faça um alcance sobre *mudanças geracionais* sugiro que há períodos de gerações conservadoras e gerações de maior contestação e liberdade. Entre o os anos 20 ao 64 domina no Brasil o período das grandes transformações culturais (a semana modernistas, surgimento dos grandes escritores e artistas, direitos trabalhistas, fundação de Brasília, etc.). Desde o 64 volta o conservadorismo com a ditadura militar, que dura até o início do Governo Fernando H. Cardoso (1994). Desde esta data observamos um período de

maior liberdade e uma desordem previsível em todos os planos. Um maior grau de descontrolo é próprio de períodos altamente criativos: vemos a quebra dos chamados valores morais (homossexualidade aberta, queda do casamento formal, casamento condicionado, desonestidade na esfera da administração do patrimônio público, licenciosidade manifesta, descrédito das instituições, etc.). Em compensação registramos grandes mudanças, especialmente no plano tecnológico, na publicidade; também há um salto na diminuição da miséria: 30 milhões de proletários entram na mini-classe média (média-modesta), aumento das lutas sociais em pro de moradia, de terras, de igualdade de oportunidades, combate ao racismo (3); cresce também o banditismo, o crime organizado e certa anomia social.

Criação cultural e subversão

O próprio Nietzsche fala de um tipo humano qualificado como o *subversivo*, exemplo de homem pleno de vida. Mais ainda, todo criador é subversivo, contrário a uma certa ordem vigente. Basta lembrar a história dos grandes criadores em todas as áreas para comprovar esta afirmação –sempre precisam enfrentar o estabelecido como “a verdade e o bom”. O próprio Nietzsche viveu na exclusão, só foi reconhecido no campo da filosofia bastante depois de sua morte, a partir da obra de K. Jaspers (1921), embora os testemunhos de outros escritores já andassem pelos corredores do público. Inclusive Freud soube usar suas ideias básicas, mas optou por fingir que tinha só dado uma olhada em seus escritos.

Política e promessa

A tese de Lemm é que nosso pensador estabelece um antagonismo entre forças animais e humanas, que implica a sub-tese de que só a reabilitação das raízes animais permita o trânsito para o sobre-humano. “Quando o ser humano se define a si mesmo sem assumir sua animalidade e seu esquecimento animal a vida cultural e política assume formas de dominação e de exploração dos seres humanos por outros seres humanos”. Assim se origina a importância da *memória voluntariosa* com a intenção de extirpar o fator animal em nós. Pelo contrário, a aceitação da animalidade gera formas de vida cultural e política baseada na auto-responsabilidade individual (pág.84). Algo mais, toda forma de poder na esfera civilizatória tem caráter opressivo; está presente no processo de socialização; tenta atenuar-se ou ocultar-se, mas basta uma olhada mais atenta para ver que tudo tende para o controle e a dominação dos setores. Nietzsche não se opõe a este domínio; o considera natural; os mais fortes devem impor sua vontade.

Por outro lado “a sociedade se institui e preserva a través da manipulação de seus membros, de modo tal que cada um deles se submete “livremente” às normas da vida civilizada e se compromete co elas mediante promessas”. (pág.87)

E como fica a questão da memória e o esquecimento?

Como fica a questão da *memória voluntariosa* própria de civilização em contraste com o esquecimento de si do animal. Confesso que os textos comentados por Lemm me deixam na dúvida. Prefiro dar minha versão.

O primeiro tipo se ajusta a uma narrativa da história que um grupo o povo se dá para justificar o estado atual de um determinado período. Do mesmo modo faz o indivíduo: até onde pode inventar sua história, embora que seja a custa de uma simplificação superficial. Procure você reconstituir sua trajetória; o mais provável é que oferece algumas linhas retas que escondem todas as curvas que os traços quebrados. Em terapia se vê muito esta figura. A memória desempenha aqui o papel de justificativa. Em contraste o esquecimento surge de seu modo de estar inserido em seu ambiente e no contato com sua filia. O animal não tem nada a justificar. Tudo o que precisa saber está já inscrito em sua memória genética; lembre-se você da migração das aves que sulcam todo o Continente americano, desde Califórnia até o Brasil, sem nunca ter feito antes essa viagem; ou veja como constrói seu ninho os pássaros; ou como os aborígenes da selva brasileira se orientam na densidade do mato. Observe como opera a memória nas classes pobres: ficam presos no presente. Então como fica o esquecimento como um passo necessário para a liberação? No homem superior, o sobre-humano, esta atento a seu acontecer, atento a sua vontade de poder como criação de si mesmo e como artífice possível de um novo tipo de sociedade.

Só a título de conclusão provisória

Um outro ponto. O fator animal está presente no homem em todas suas necessidades básicas; são oriundas do biológico. Elas têm obrigado o homem a procurar os meios de sua sobrevivência. Precisa atender essas necessidades; fome, sono, resguardo (moradia), sexo, contato com outros (agrupação). Povos inteiros têm vivido durante milênios para atender só estas necessidades. Continuamos vivendo muito perto ainda de nossas origens. Basta observar os povos primitivos (e inclusive o proletariado) para verificar que nossa civilização não é melhor que a deles. Os povos primitivos vivem no mito, que dá respostas sobre suas origens e sobre seus ritos; o demais é dança, cantos e o elementar para suas necessidades. O proletariado tem espírito comunitário (que os setores médios e dominantes não têm), tem seu carnaval (ou algo equivalente), se reproduzem a seu *belle* prazer e suas crenças dão respostas elementares para suas dúvidas igualmente elementares. As sociedades complexas estão divididas em classes segundo seja seu poder econômico-social; Nietzsche considera natural estas diferenças; os humanos são desiguais. Ponto. Como diferente da civilização, o auge da cultura, num determinado período histórico no diminui estas diferenças.

Marx diria que este prussiano aristocratizante não entendia a dinâmica dos processos econômicos na gênese da aventura humana. Contudo, são estes dois homens os que se disputam a compreensão de nossa história atual e passada. Os franceses, sempre com seu *esprit de finesse*, optaram por Marx, com Sartre; e por Nietzsche com Foucault, Derrida e Deleuze. Há outras opções filosóficas atuais? Heidegger buscou

refúgio no setor acadêmico, nos círculos eclesiásticos e nos conservadores de sempre. Rien plus.

E nós latino-americanos? Nossos filósofos são poetas e escritores. Neruda, Drumond, García Marquez; e se queremos ser míticos, enigmáticos, refinados, temos um Jorge Luis Borges, e alguns outros que ainda não frequentam minha memória.

Só dei uma sumária resenha de obra de Vanessa Lemm; os colegas psicólogos e filósofos estão convidados a sua leitura. É curioso que as melhores comentaristas do filósofo sejam mulheres – comentadores de este homem solitário que acreditou que a humanidade se dividiria em antes e depois dele. Jesus acreditou nessa aposta e acertou; penso que o filósofo do martelo não terá a mesma sorte.

Referencias bibliográficas

Lemm V. (2010). *La filosofía animal de Nietzsche. Cultura, política y animalidad del ser humano*. Santiago de Chile, Chile: Universidad Diego Portales.

Comentarios del autor

(1) “Nietzsche se sirve del término *psicología* en un sentido muy peculiar: la explicación de la génesis y formación de los valores morales. Se trata, de una labor necesaria, de una empresa cruel pero inevitable, por cuanto pone al descubierto un ingente número de verdades ásperas y desalentadoras: la desfeticización de la moral como producto del falseamiento, de la mistificación, de la ficción; el desmoronamiento la creencia en la validez intrínseca de los valores morales y de su necesidad. Ocho años más tarde, en *Más allá del bien y del mal* (1886), Nietzsche volverá a decir: “La psicología entera ha venido estando pendiente hasta ahora de prejuicios y temores morales: no ha osado descender a la profundidad. Concebirla como *teoría de la evolución de la voluntad de poder*, tal como yo la concibo, eso es algo que nadie ha rozado siquiera en sus pensamientos... A partir de ahora vuelve a ser la psicología el camino que conduce a los problemas fundamentales.” –Juan Manuel del Moral.

(2) Ignoro se Husserl cita a Enesidemo como uma das fontes de sua fenomenologia.

(3) Não preciso dizer que Lemm não menciona este alcance sobre Brasil.

Curriculum

Psicólogo clínico. Ex docente de varias universidades en Brasil. Miembro fundador y de honor de ALPE. Escribió numerosos libros científicos y literarios.

Correos de contacto:

emiliorom@terra.com.br

Fecha de entrega: 11/04/2022

Fecha de aceptación: 12/0/2022